

# Stadium

N.º 170 — 6 de Março de 1946 — Esc. 2\$00

## O GRUPO DE HONRA DO SPORT LISBOA E ELVAS



No primeiro plano — Morais, Massana, Patalino Aleixo e Proença.  
No Segundo plano — Semedo, Rano, Fernandes, Rebelo, Almeida e Alcobia.



# FLECHA

*A Bicicleta da Actualidade*

**A ILUMINANTE**

**STAND FLECHA**

Largo do Intendente — LISBOA

# Stadium

N.º 170 ★ 6 DE MARÇO DE 1945 ★ PREÇO 2\$00

## Vitória do ATLÉTICO pela tangente

Jacques lançou-se a tempo de obrigar Catinana a mau remate. A bola sairá pela linha de cabeceira



Outra boa defesa de Jacques. Vários académicos vigiam os seus movimentos



Clube de Portugal, Sport Lisboa e Benfica e Sport Algés e Dafundo.

São já conhecidas as bases da reunião, marcada para sexta-feira, dia 8 do corrente. São as seguintes:

I — História da actividade dos clubes — 1 — Elucidação completa da obra das várias colectividades de todo o país; II — As necessidades dos clubes de ginástico; — 1 Estudo das condições em que os clubes funcionam; 2 — Suas necessidades e aspirações; 3 — O que cada um possui e o que cada um precisa.

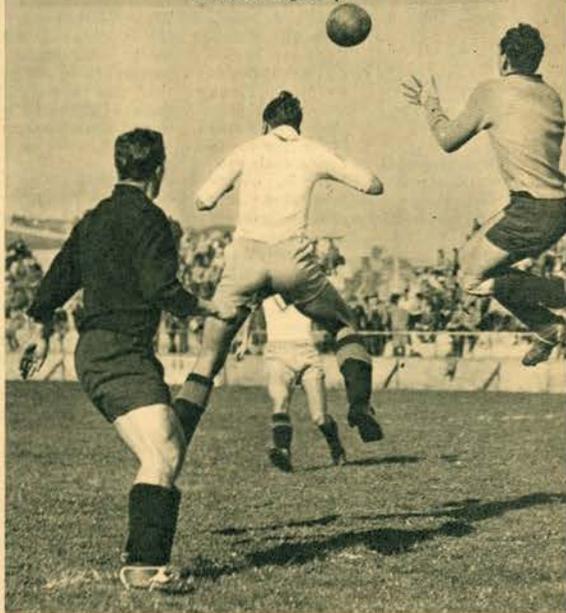
III — O auxílio do Estado — 1 — Isenção de direitos do material ginástico que tenha de ser importado; 2 — Expropriações por utilidade pública; 3 — Alargamento das instalações dos clubes; 4 — Colaboração entre os clubes e o I. N. E. F.

IV — Organização nacional — 1 — Criação da Federação e das Associações; 2 — Colaboração técnica da Federação com o I. N. E. F.

V — Propaganda da ginástica — 1 — Organização de competições; 2 — Jornadas de propaganda; 3 — Deslocações para o estrangeiro; 4 — Intermédio com as colectividades de outros países; 5 — Facilidades de transportes.

Vingou a bela iniciativa de Raul de Oliveira. A ginástica vai organizar-se e a Revista «Stadium» não ficará indiferente.

O guarda-rede da Académica esteve constantemente em jogo. E revelou segurança



Toda a defesa da Académica jogou com entusiasmo e segurança. Armindo ainda a perturbou desta vez, mas sem resultado.



**F**OI posta em marcha a ideia. O nosso colega «Mundo Desportivo», inspirado pelo seu director, Raul de Oliveira, numa das cerimónias comemorativas do aniversário do Lisboa Ginásio Clube, expôs quanto pensava sobre a expansão da Educação Física nacional. Logo se interessavam categorizados agrupamento: — Ateneu Comercial de Lisboa, Ginásio Clube Português, Lisboa Ginásio Clube, Clube Atlético de Campo de Ourique, Sporting Clube de Alenquer, Grupo Desportivo Estoril Praia, Sport Clube do Porto, Clube de Futebol Benfica, Atlético Clube de Portugal, Grupo de Jogo de Pau «Os Portucalenses», Ginásio Clube do Sul, Sporting

# Cada vez se restringe mais a luta pelo título

## Mas o percurso está ainda cheio de obstáculos; e todos os desafios são difíceis



COMOS ver o desafio Benfica-Vitória no campo dos Arcos. Deslocaram-se àquela cidade muitos adeptos do grande clube lisboeta, que de-

ram à terra um ar alegre de movimento desusado.

Vitória S.: Acácio, Montês, Armino, Pacheco, Pina, Figueiredo, Campos, Rendas, Rodrigues, Cardoso e Vasco.

Benfica: Martins, Cerqueira, Artur Teixeira, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsénio, Espírito Santo, Júlio e Rogério.

Árbitro: Domingos Miranda, do Porto.

O jogo relata-se em poucas palavras. Com cores de equilíbrio, ao princípio, ainda que sempre com melhor organização por parte do Benfica, a superioridade dos lisboetas apareceu, aos poucos, no decorrer da partida. Quando surgiu a primeira bola — não surpreendeu ninguém! Era a lógica consequência de mais perfeita carburação.

No entanto, ao recomeçar o segundo período, ainda não havia a certeza de um vencedor.

Mas os lisboetas fizeram mais duas bolas em um abrir e fechar de olhos, e o encontro poderia ter acabado nesse momento. Depois, pelo tempo adiante, o Benfica nunca deixou o adversário apoderar-se da situação, e fez o possível para passar o tempo da melhor maneira, sem grandes inquietações.

Julgamos de nosso dever acentuar que os lisboetas se afirmaram um grupo forte, resistente e poderoso. A colaboração entre as várias células, se não perfeita, merece excelente nota. Toda a máquina trabalhou sem atritos, da defesa ao ataque. E dentro de cada célula, as unidades que a integravam moveram-se com a facilidade de movimentos que significa muito.

Quando as coisas decorreram tão bem como correram aos benfiquenses, nem se dá pelos deslizes dos jogadores. Todas as figuras aparecem à nossa observação como tendo cumprido. Destaque-mos, no entanto, na linha da frente, dois nomes, os de Espírito Santo e Rogério. O chefe do ataque jogou magistralmente e deu

### CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA



EVEMOS dizer, antes de mais nada, que o Campeonato Nacional está muito animado. Essa animação provém das dificuldades que todos

13 (38-26), Vitória S. 11 (26-30), Elvas 9 (24-44), Vitória G. 8 (21-31), Boavista 8 (25-35), Académica 7 (22-40) e Oliveirense 3 pontos (12-37 em bolas).

E' por demais fácil concluir, dada a distância que os separa dos outros concorrentes, que, neste

É que o Elvas deu um passo em frente. De resto, este clube vem desenvolvendo grandes esforços para fugir, e o reforço dos três espanhóis assim o prova.

Na 12.ª jornada marcaram-se vinte tentos. À frente, nesta jornada, com duas bolas, Eminência

encontram no percurso, mais pronunciadamente, é certo, os de forças reduzidas, mas todos vindo na sua frente o caminho escuro.

Já vincámos, mas nunca é demais repetir, que a competição se torna mais difícil — os escolhos surgem debaixo dos pés! — à medida que se avança no calendário. Porque os concorrentes dão-se conta que os pontos começam a ter um maior valor. Lutam pela sua conquista, então, com redobrado entusiasmo. Tanto os que atacam o título, como os resistentes. Todos têm questões a resolver, e há no espírito de cada participante a ideia de que a sua questão é que é a mais importante, e de que todas as outras não passam de casos vulgares.

A 12.ª jornada, o início da segunda fase, deu-nos os seguintes resultados:

Vitória (Set.)	1	—	Benfica	.....	4	
Belenenses	..	2	—	Sporting	....	1
Atlético	....	2	—	Académico	..	1
Boavista	....	0	—	Elvas	.....	1
Oliveirense	..	2	—	Olhanense	..	3
Vitória (Guim)	1	—	Porto	.....	2	

De uma forma geral, os desafios decorreram com interesse. Haja em vista a igualdade de bolas, indicação clara e expressiva de nivelamento de forças, tal como os dados se apresentaram. Praticou-se futebol de melhor qualidade em uns do que em outros campos, mas a média não é desanimadora.

Parece-nos de salientar a luta gigantesca que aqueles que constituem o lote da frente estão a travar, e ainda a tendência para a melhoria de forma que se está a verificar nos grupos menos categorizados.

A classificação geral encontra-se estabelecida da seguinte maneira:

Benfica	19 pontos (41-19 em bolas),
Belenenses	18 (36-15),
Sporting	17 (34-17),
Olhanense	17 (41-17),
Atlético	14 (21-30),
Porto	



Peyroteo em luta com a defesa do Belenenses!

momento, ainda não se conhece o nome do vencedor, mas que o campeão sairá do lote dos que se encontram nos primeiros quatro lugares. Dá-nos, mesmo, vontade de afirmar que, desse grupo poderoso, Benfica e Belenenses se apresentam como os mais sérios candidatos. Os encarnados conseguiram dar consistência ao seu grupo, e estão cheios de moral e confiança. Os azuis têm, no entanto, um caminho mais fácil a percorrer. Tudo dependerá de um factor imprevisível e que bem poderemos designar por sorte.

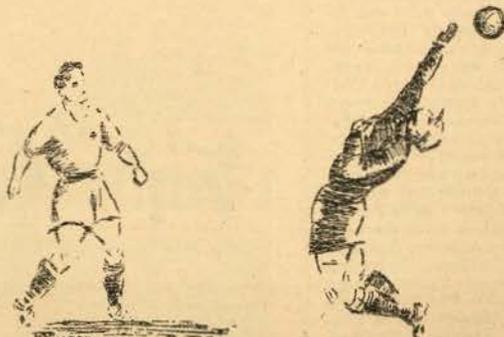
Certamente, Sporting e Olhanense ainda não perderam as esperanças, e não estão muito afastados do título. Mas lembrem-nos que os mais sérios obstáculos lhes preenche a vida difícil.

Dando um salto brusco, e passando pelos postos intermédios, sem interesse de maior, diremos que o Oliveirense parece irremediavelmente condenado a ficar de fora, depois de um esforço vigoroso. O caso do penúltimo continua a ser um pleito por decidir. De momento, temos realmente a impressão de que nele se empenham, mais directamente, a Académica, o Boavista e o Vitória de Guimarães. Isto nos diz a tabela, que costuma falar claro e alto.

(do Olhanense), João Tavares (do Oliveirense).

Na lista geral figura à cabeça Peyroteo (com 19 bolas), Correia Dias (com 13), Cabrita (com 12), Salvador (com 11) e Rogério (com 10 bolas).

Assinalemos ainda a circunstância do torneio dar vibração nas terras em que se efectua desafios. Verdadeiros dias de festa, os jogos transformam-se em romarias — atraído forasteiros.



Azevedo defende um remate forte de Andrade!

vida a lances da melhor técnica, com agilidade, corrida e desembaraço, e ainda mostrando domínio de bola e remate. Rogério atraiu também a atenção da crítica, revelando que sabe jogar, e, uma vez mais, que tem excepcionais qualidades de execução.

Na linha média, gostámos do trabalho de Moreira, e também de ver em acção Francisco Ferreira, já na posse dos seus recursos físicos. Na defesa distinguiram-se Cerqueira, sempre no devido sítio e batendo a bola com força.

Ao Vitória faltou o seu vivo interior Nunes, mas faltaram também outros elementos, como sejam a rapidez e o entusiasmo. A linha dianteira não conseguiu combinar bem as forças, por demoras do avançado-centro, umas vezes, e outras por desacerto nas passagens. Deve afirmar-se, por ser justo, que os médios não lhe deram *alimento*. Situando-se mal no terreno deixaram-se manobrar, assim como a defesa. A deficiência de colaboração entre os defesas e o guarda-redes foi notória — provocando situações de perigo.

Estamos certos de que o Vitória joga mais do que o demonstrado no campo dos Arcos. Vimo-lo, por exemplo, no Campo Grande, contra o mesmo Benfica, fazer uma exibição de mérito. Mas no domingo passado não conseguiu acertar — deixando desoladora impressão.

## O Belenenses teve melhor ataque, e a tal fica devendo o triunfo

As Salésias registaram uma grande enchente. O jogo, no ponto de vista técnico, não subiu a grande altura. No entanto, como espectáculo e como competição, cumpriu em absoluto. Para tal contribuiu o equilíbrio verificado (entenda-se, em certa medida) e a circunstância do resultado se conservar indeciso até uma altura adiantada da partida.

**Belenenses:** Sério, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Quaresma, Andrade, José Pedro e Rafael.

**Sporting:** Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, António Marques, Barrosa, Lourenço, Jesus Correia, Armando Ferreira, Peyroteo, Cruz e Albano.

**Árbitro:** Carlos Canuto, de Lisboa.

O desafio só veio a ter características de superioridade belenense em uma fase da segunda parte, quase no fim. Até esse momento, os ataques desenvolveram-se em uma e outra metade, alternadamente. De aí por diante, a avançada belenense, com bom trabalho de perfuração, tomou ascendente. Os *azuis* revelaram engodo pela baliza, apoquentando severamente Azevedo. Mas o guarda-redes nacional, num trabalho estopendo e realizando defesas próprias de um mestre consagrado, livrou o seu grupo de grandes apuros. Perdendo, porque não podia deixar de ser. Nem os maiores guarda-redes resistem — quando a doença é de morte.

Num e noutra dos grupos que

pisaram a relva, os elementos defensivos portaram-se melhor do que os atacantes. Formando blocos fechados. Feliciano, cobrindo por vezes todo o terreno em frente das redes, marcou como de costume o avançado-centro nacional. Este não soube livrar-se dessa vigilância, e acabou por ser vítima da sua falta de adaptação. Isto, porém, que não teria importância, se não se desse o caso de todo o futebol atacante dos *leões* cair sobre o eixo, assumiu a maior das gravidades por essa mesma razão. A dianteira sportinguista desmembrou-se. Cada um para seu lado, em vez de todos para o mesmo fim. Armando Ferreira, demorando a bola nos pés, esqueceu-se de que tinha a seu lado a alavanca de Jesus Correia. Albano, com um gigante pela frente, *reduziu-se* ainda mais um pouco. Como poderia o Sporting vencer, nestas condições. Assim se perdeu o magnífico esforço atlético de Barrosa.

O Sporting não marcou nenhuma bola pelos pés dos seus jogadores. Isto não é indiferente para se aqualitar do poder de uma ofensiva. O seu tento saiu dos pés de Serafim, que redimiu a falta no decurso da partida, cotando-se como o melhor da linha medular, ainda que os outros atingissem nível capaz. Na frente destacaram-se Armando e Andrade, indicações a ter na devida conta. O primeiro parece que se adapta bem ao seu novo lugar, e o segundo está a passar do lado das promessas para o dos valores reais. Rafael teve oportunidade de aplicar o seu tremendo golpe.

Em conjunto, e vista a partida pelas referências que é possível recolher, não há dúvida que o Belenenses mereceu o triunfo, tendo todos os seus elementos trabalhado esforçadamente para conseguirem aproximar o clube do título.

## As vitórias do Atlético, do Elvas, do Olanhense e do Porto



ÃO há dúvida que o Atlético mereceu o triunfo. Mas em futebol não há, muitas vezes, justiça. O que importa é a marcação de bolas. Tudo le-

vava a crer, no seu princípio, que o desafio decorresse com animação. Basta dizer que, aos três minutos da partida, já o resultado era de 1-1, bolas de Catinana e Azeredo, denunciando espírito de ataque. Afinal — era fogo de vistas. Daí para diante, pouco se passou que tenha história.

E' certo que o Atlético deu mostras de conjunto mais experiente e sabedor. Mesmo assim, também a qualidade do seu futebol deixou muito a desejar. Ambos os grupos, em lugar de depositarem a bola no terreno, preferiram o jogo por alto, sem certeza do passe. Os choques de natureza física sucederam-se a todo o momento, dando ao encontro um colorido pouco

alegre. Quando o Atlético se colocou na situação de vencedor, por efeitos de um *penalty* que um dos nossos camaradas adjectiva de precipitado e rigoroso, a partida ainda tomou interessante aspecto de competição. Depressa voltou, no entanto, a cair.

Tenha-se em conta o entusiasmo da Académica, do princípio ao fim — não se considerando batida senão no momento de soar o apito do árbitro, J. Trindade, de Setúbal.

**Atlético:** Correia, Baptista, Francisco Lopes, Galinho, José Lopes, Morais, Micael, Armindo, Catinana, Rogério e Manuel da Costa.

**Académica:** Jacques, Albino, Mário Reis, Lomba, Brás, António Maria, Joaquim João, Azeredo, Garção, Leite e Angelo.

A exibição do Sport Lisboa e Elvas no estádio do Lima, contra o Boavista, não satisfaz a crítica local. Queremos acreditar que, na realidade, assim seja. Que o Elvas não tenha realizado aquilo que pode fazer. Já dissemos que, outro dia, nas Salésias, apesar da derrota, nos impressionou muito agradavelmente.

Todavia, factos são factos. A sua linha avançada teve talento para construir a vitória, com uma bola, nos primeiros pontapés, e por aí se ficou. Não nos parece crível que o grupo, logo que se apanhou com um tento, se tivesse remetido à defesa. O mais provável é ter cedido — por imposição do adversário.

O *goal* foi certamente um aviso, e o Boavista compreendeu que lhe competia empregar-se a fundo para conter os elvenses em respeito. Então — dominou abertamente. No ponto de vista territorial. Os portuenses organizaram um bom par de ataques delineados com perícia, mas não passaram da ameaça em frente das redes. Jamais concretizando a sua superioridade. A falta de Serafim tornou-se muito notada, pois trata-se do jogador que é a chave do grupo.

Apesar do desejo que o Elvas tem de reforçar a sua defesa, ainda não se poderá afirmar que o tenha conseguido. Aguardemos mais exhibições dos três espanhóis.

**Boavista:** Mota, Vinagre, Silva 1.º, Silva 2.º, Raimundo, Ramos, Zeca, Armando, Gonçalves, Caiado e Barros.

**Elvas:** Semedo, Marcelino, Mariano, Fernandes, Alcobia, Rebelo, Mora, Massano, Patalino, Joaquim e António.

O Olanhense não conseguiu impressionar a gente de Aveiro, e julgamos que não realizou trabalho para isso. A circunstância de Cabrita ter ficado fora do rectângulo não representa razão para justificar a fraqueza do jogo. No entanto, os algarvios deram mostras de ligação e em vários lances mostraram a sua classe.

Mas não há dúvida que a sorte os favoreceu. Fica pelas vezes que os tem abandonado. Porque os olhanenses alcançaram a vitória em uma oportunidade feliz, e quando o empate parecia o resultado feito. Os oliveirenses tinham chegado à igualdade, à força de vontade e energia. E sucumbiram quando a luta lhes sorria!

Devemos dizer que o Oliveirense está a jogar muito mais, tendo aprendido no capítulo de colaboração e colocação. Bem dizemos nós que, jogando, é que se aprende a jogar. Tivesse o Oli-

## A nossa reportagem fotográfica

A custa de muito esforço, temos publicado em quase todos os números fotografias dos seis encontros da Primeira Divisão. Continuamos fazê-lo igualmente neste número, e na verdade os nossos repórteres fotográficos enviaram-nos as fotos pelo correio. Simplesmente, as cartas ficaram pelo caminho, e ainda não chegaram ao nosso poder à hora de fecharmos a Revista, pelo que não podemos publicar as imagens dos desafios realizados no Norte. Por tal facto, que muito nos aborrece, como é de calcular, apresentamos desculpas aos nossos prezados leitores.

veirense actuado desde o começo no seu campo, em ambiente carinhoso, e a sua pontuação seria por certo um pouco melhor. Dissu não temos dúvidas. Os rapazes de Oliveira de Azeméis jogaram com desembaraço, fazendo compreender ao Olanhense que eram um adversário mais difícil do que estes supunham.

**Oliveirense:** Teixeira, Henrique, Joaquim, Oliveira, Pinho, Eurico, Anibal, João Tavares, Santos, José Tavares e Armando.

**Olanhense:** Abraão, Rodrigues, Nunes, João dos Santos, Grazina, Zita, Joaquim Paulo, João da Palma, Eminência, Salvador e Moreira.

**Árbitro:** Vieira da Costa, do Porto.

O Porto arrancou em Guimarães, no novo campo do Vitória, um bom triunfo. Os pontos da tabela sabem melhor quando resultam de luta aguerriada. Assim mesmo! A competição de Guimarães comportou aspectos de equilíbrio, de maneira geral. A partida foi viva e animada, na primeira parte. De lado a lado fizeram-se avanços rápidos, de boa técnica, opondo os defesas a maior resistência. Os atacantes do Porto mais destros, porventura. Mas os locais, com rasgada energia e entusiasmo.

No segundo tempo, a feição do jogo tomou novo rumo, e os portuenses puderam desenvolver os seus esquemas de jogo, alguns magníficos de visão, um pouco mais à vontade — dado o esgotamento físico do seu adversário. Comenta-se o estado atlético do Vitória de Guimarães. Mas a verdade é que se justifica perfeitamente que uma equipa submetida a esforços violentos, e sem a escola da boa técnica diminuindo o desgaste físico, se encontre em semelhantes condições.

Por várias vezes, no entanto, os jogadores de Guimarães tiveram oportunidades de marcar, mas a tradicional falta de serenidade dos avançados frustrou o intento, e o *team* flocou-se na bola solitária. O Porto realizou um bom trabalho de conjunto, mostrando-se algumas das suas unidades em crescendo de forma.

**Vitória:** Machado, Curado, João, Luciano, Garcia, José Maria, Miguel, Brioso, Alexandre, Alcino e Arlindo.

**Porto:** Barrigana, Alfredo, Camilo, Anjos, Romão, Octaviano, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Freitas e Joaquim.

**Árbitro:** Abel Ferreira, de Lisboa.

# SALVADOR

*promete ser internacional...*

O recente jogo R. A. F.-Seleção militar deu oportunidade para que alguns novos envergassem a camisola nacional. E de uma maneira geral todos cumpriram. Pelo menos, não destruíram o razão que levou o seleccionador a incluí-los no grupo português. Ao mesmo tempo folhês dada oportunidade para iniciarem a sua carreira de jogadores internacionais.

Nesse grupo de novos que vimos sobre o relvado do Estádio está o olhanense Salvador. As suas qualidades tem-se afirmado com insistência no decorrer do campeonato nacional. Apresentamo-lo, por isso, hoje, aos nossos leitores.

Trata-se de um rapaz de tipo franzino mas enérgico, que começou muito novo — aos 13 anos — a jogar a bola, no Juventude, de Portimão. Um ano mais tarde passou para o Boa Esperança e ali se conservou quatro épocas. Veio, então, para o Chelas.

— All joguei com prazer tendo por companheiro Rogério, mas ao fim de duas épocas abalei para o Olhanense. Estou satisfeito no clube algarvio e espero por lá conservar-me muito tempo. Gosto da terra e do clube. Só é pena que os olhanenses sejam tão exageradamente exigentes com o futebol da sua terra. Por vezes dão-nos a desagradável sensação de que o nosso esforço, a nossa boa vontade, se perdem ingloriamente em frente de uma população desportiva, entusiástica, é certo, mas sempre insatisfeita.

— A que atribui as dificuldades que os clubes encontram quando jogam no estádio Padinha?

— Acho bem transformar um pouco o velho rifão: cada um na sua terra é rei...

— Que pensa do seu clube?

— É um valor no futebol nacional. E não é difícil prever que chegarei longe. O Olhanense pode até ser apontado como um exemplo a valorizar a importância de que os clubes da provincia se rodeiam para ajudarem ao desenvolvimento e progresso do grande desporto da bola. Quando a oportunidade surgiu e o Olhanense pôde medir forças com os melhores começou a sua era de prestígio e de melhoria técnica. De então para cá temo-nos imposto e não é sem razão que o seleccionador nacional tem visto o nosso grupo e escolhido alguns dos seus elementos.

— E' o seu caso...

— Sim. De facto, a escolha para a R. A. F., acho que pode ser atribuída à boa figura que tenho feito. Gostei dessa oportunidade e tomo-a como um bom indicio para o prosseguimento da minha carreira de jogador.

— Que espera seja duradoura?

— Por enquanto nada me indica que tenha de abandonar o jogo dentro de pouco tempo. Sinto-me fisicamente bem e noto que os pés ainda sabem fazer coisas com a bola na frente. E como gosto de jogar e tenho vontade em dar à «equipe» o meu melhor rendimento, continuo com entusiasmo.

— Mantendo o seu lugar?

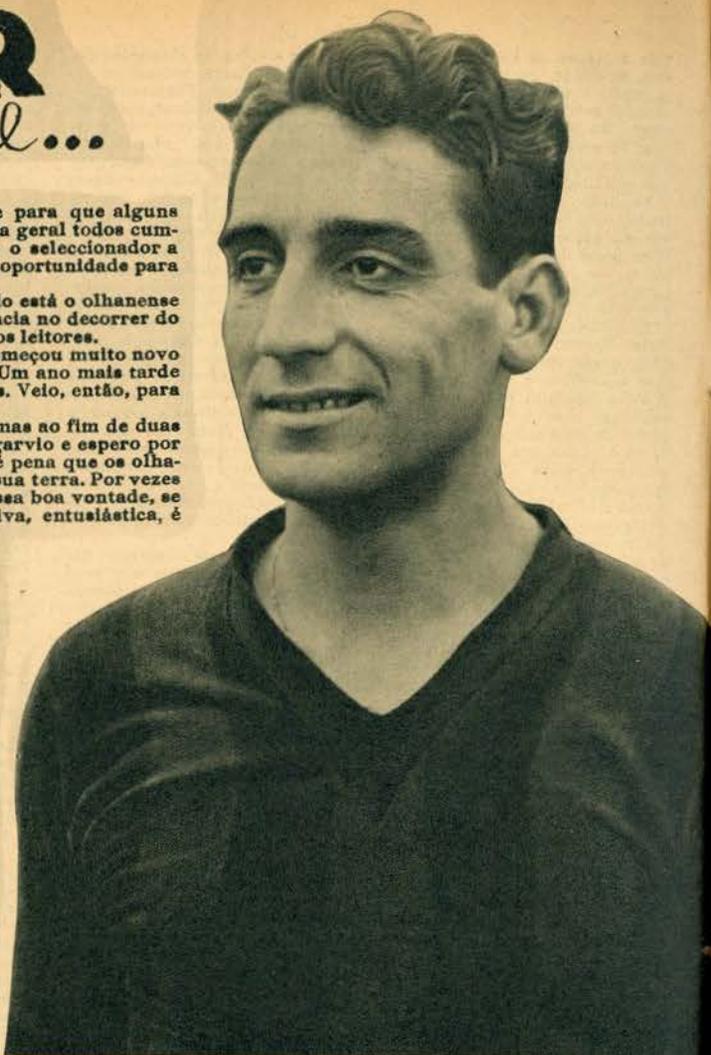
— O de interior esquerdo que é o meu preferido e aperfeiçoar-me no executar cruzamentos para os extremos e passes em profundidade. E' esta a fase de jogo que gosto mais de executar, não desperdiçando as oportunidades que me surjam de atirar à baliza — um pormenor de jogo que gosto imenso de fazer.

— Recolheu alguns ensinamentos no jogo com os ingleses?

— São jogadores com quem muito há que aprender, mas, não

(Continua na pág. 15)

Fernando Sá



SALVADOR



Salvador já treinou. Ficou contente consigo próprio!



Éis o excelente jogador algarvio ao ataque!



No estúdio da Venda do Pinheiro, os três algarvios mantiveram

# A última sessão do COLISEU O campeão MIGUEL FRANÇA continua detentor do título

DENTRO do quadro das possibilidades pugilísticas nacionais o programa apresentado no Coliseu dos Recreios, a 26 do mez findo, era bastante bom.

Larzen e França ostentam títulos de campeões, estando um deles em competição: Guilherme Martins, António Mateus e os dois Figueiredos pertencem ao grupo das 1.ªs séries. Portanto, do escasso rol de valores presentemente em actividade nada havia de melhor, excepto Levi...

O primeiro combate da noite durou seis assaltos, terminando pela vitória de Manuel de Sousa (59,600 ka.) por abandono de Correia (57,900 ka.) ao 6.º assalto.

O vencido julgava-se muito capaz de derrotar Sousa. Teimou em querer este adversário, mais experimentado, cumulado o seu erro ao aceitar a pugna para a longa distância de 8 assaltos.

Careceu de técnica «telefonando» golpes largos e desordenados à cabeça e ao estômago. Na defesa mostrou-se nulo por completo: nem pára, nem esquiva, nem bloqueia.

No 3.º round foi colhido com dureza e catu na lona por 8 segundos. No 4.º encontrava-se extenuado mas ainda activo. No 6.º estava já entontecido.

Os auxiliares atiraram a toalha muito a tempo.

Sousa fez um combate de principiante, descendo bastantes vezes ao nível do seu adversário. Lutou sem plano definido, ao sabor dos acontecimentos.

A arbitragem, de Jordão França, regular.

Guilherme Martins (63,750), reapareceu após larga ausência, vencendo por abandono Domingos Figueiredo (62,900) no 3.º assalto.

Martins jogou o primeiro, muito à vontade e à meia-distância. Bloqueou alguns socos duros de Figueiredo, terminando levemente superior em pontuação. No segundo, activava-se a troca de golpes ao tronco, conseguindo Martins conservar-se no interior da guarda do adversário.

No terceiro, Figueiredo acusa um bom golpe à cabeça e, a seguir, por efeito dum excelente soco curvo ao maxilar. Ao 5.º segundo ergueu-se, mas abreve trecho cambaleava. Os auxiliares jogaram a toalha para evitar o derrube definitivo. Regular arbitragem de Machado Junior.

O combate de fundo travou-se entre Jorge Larzen (66,500) e António de Figueiredo (70,100). O público já se cansou de ver os mesmos homens repetir pela *ésima* vez as mesmas acções. Parafraçando o humorista André Brun, desafios como este são novas edições do *Outra vez Praxédes*...

Figueiredo continua parecendo um cepto, imóvel e mal guardado. Boxeia em força, sem qualquer preocupação de se servir bem dos seus meios.

Larsen não melhorou, continua fiel ao «esquerdo-direito», raras vezes utilizando a sinistra em golpe curvo. Ganhou amplamente por pontos após um combate monótono, sem filligranas.

Bom trabalho de José de Araújo.

O mais sensacional desafio da reunião era o combate de França (60,800) contra Mateus (61,750), para disputa do titulo de campeão de Portugal dos elevés.

António Mateus não se preparou a fundo, apresentando-se sem fôlego. Esta deficiência merece critica porque tanto o lirio desportivo como os deveres para com o público exigem sempre dos boxadores que subam à plataforma da luta convenientemente treinados. França fez um combate. Perdeu os 1.º, 2.º, 3.º e 4.º assaltos por razoável margem. Não sabe marchar atacando, sendo bastantes vezes sacudido com duros golpes na cara.

O 3.º assalto foi particularmente penoso para o campeão. No 5.º, como Mateus já denunciava fadiga recompôs-se e tomou ascendente. Nos dois seguintes accentuou essa superioridade sem raios marcantes.

Logo no começo do 8.º assalto França applicou um golpe curvo, do punho esquerdo, ligeiramente abalxo da linha de cintura. Deve ter atingido, por compreensão e falta de desenvolvimento muscular do abdomen, o bacinete do rim direito, produzindo uma dor que se localizou principalmente nos testiculos.

Mateus caiu, queixando-se de golpe balxo. Tanto o árbitro como os dois juizes declararam não o haver visto, mas a contagem suspendeu-se para exame médico. Como era de prever, nada ficou esclarecido desse exame, por ser

(Continua na página 15)



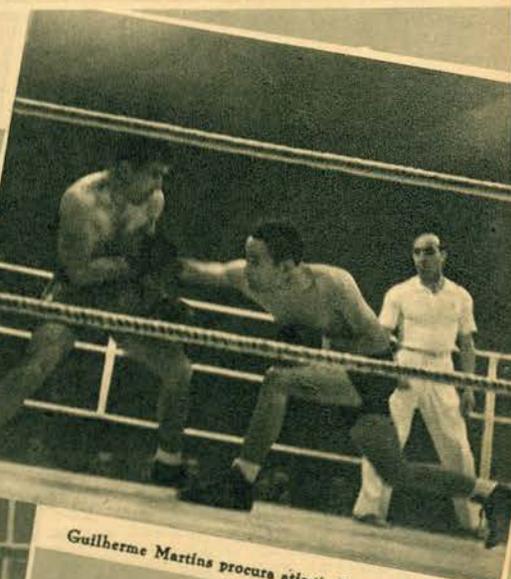
Miguel França e António Mateus estão em guarda...



Larzen desmarca Figueiredo II, cujo soco não veio a ser coisa séria



José Peiró atinge Sousa II, mas sem perigo para este



Guilherme Martins procura atingir Figueiredo I

# a vida desportiva POR ÊSSE MUNDO FORA

## FUTEBOL

Em Inglaterra: o campeonato das Ligas

**P**ROSSEGUIU o campeonato das Ligas no sábado 23 de Fevereiro. Na Liga Norte, o Sheffield United continua à frente com 41 pontos, seguido pelo Everton (40), Chesterfield (36) e Blackpool (35).

Na Liga Sul, o Birmingham domina o lote restante com 46 pontos, seguido pelo Charlton (44) e Aston Villa (43).

A vitória do West Ham sobre Portsmouth, por 3-1, foi a mais saliente da jornada, bem como a derrota do Charlton pelo Tottenham por 2-1. Derby County, que nos seus últimos 14 jogos sempre obtivera vitórias, empatou com Leicester City por 1 bola, o qual, por ironia do destino, ainda não tinha alcançado um único ponto durante 1946!

A maior assistência registada atingiu 50.568 pessoas, que presenciaram o importante desafio travado entre o Everton e o Newcastle, o qual terminou pela vitória daquele por 3 bolas a 1. Uma greve de transportes no famoso porto sobre o Tyne impediu que o recorde fosse batido, pois milhares de pessoas dos arredores não puderam deslocar-se.

## HIPISMO

### NA AMÉRICA

um cavalo ganha em uma corrida 2.500 contos!

**E**M Arcádia, Califórnia, no hipódromo de Santa Anita, o cavalo «Knock-Down», propriedade de Elizabeth Arden, ganhou um prémio que é qualquer coisa como 2.500 contos na nossa moeda. Que feliz — a sua proprietária!

Nesta prova tomaram parte apenas os representantes de sete coudelarias, sendo o número mais reduzido de participantes na história deste prémio.

Em compensação, assistiram 75.000 espectadores.

## RUGBY

O País de Gales vence a Inglaterra por 3-0

**R**EALIZOU-SE no terreno de Twickenham o segundo desafio da temporada entre os grupos representativos de Gales e da Inglaterra. O capitão do «quizes» galês, Haydn Tanner, foi o herói da tarde, marcando o único ensaio da partida. Outros jogadores do grupo vitorioso (Cleaver, Williams e Manfield) portaram-se de maneira a merecer encômios. O tempo, demasiado ventoso, prejudicou o brilho da prova, mas a vitória dos visitantes foi justamente merecida.

Assine a STADIUM

Stadium

## NOTA DA SEMANA

**A**LGUNS jornais ingleses, nomeadamente o Daily Mail de 27 de Fevereiro, informam que o resultado do recente desafio de futebol entre a R. A. F. e a selecção militar portuguesa causou sensível quebra no prestígio do «association» britânico.

Segundo se deprende da leitura da imprensa, membros da colónia residente em Portugal fizeram saber aos compatriotas que nós avaliamos o onze da Real Força Aérea como sendo de mérito igual ao melhor grupo representativo da Inglaterra. E, para justificar o insucesso relativo dos visitantes, já se invocam razões que deviam ter influído no fraco rendimento dos futebolistas anfitriões.

Primeiro, a alimentação. Por ser variada e abundante contrastou com aquela que se consome nas Ilhas Britânicas. Segundo, o piso do terreno, que é bastante diverso do dos campos ingleses. Terceiro, as dimensões e peso da bola. Quarto, a escassez de tempo para se obter razoável aclimação.

É muito possível que todos os argumentos expostos servissem para alterar o resultado do jogo, mas não compreendemos porque é que o prestígio do futebol britânico sofreu com o empate e não foi precisamente o nosso que ganhou em prestígio com o resultado.

Pessoalmente, consideramos a exibição do excelente grupo da R. A. F. como das mais clássicas e espontâneas manifestações de jogo da bola que nos haja sido possível contemplar, em perlo de vinte e cinco anos de experiência visual.

Supor também que a multidão lisboeta não compreendeu a superioridade do onze da R. A. F., nem soube ver a excelência dos seus méritos, será prestar-lhe fraca justiça. O que na verdade desapontou foi o escasso anseio pelo gol, aquilo que faz vibrar o zé-poinho de todas as nacionalidades e que possui maior calibre espectacular.

Quanto aos números finais, tradutores apenas da superioridade prática dos antagonistas, parecemos de somenos valia comparados com a técnica apurada e reluzente dos artistas.

Neste particular — repetimos — o futebol inglês não perdeu prestígio, antes o radicou no espírito de quem o desconhecia.

Rafael Barradas

## BOXE

Cerdan abateu Ferrer por K-O ao 4.º assalto

**N**A praça de touros Monumental, de Barcelona, e na presença de umas trinta mil pessoas, realizou-se na manhã do dia 24 de Fevereiro um sensacional espectáculo de boxe. O combate mais notável consistiu no match Marcel Cerdan-José Ferrer, cujo desfecho rápido e decisivo se previa antecipadamente. No primeiro assalto, um soco certo do punho esquerdo, duplicado a seguir com outro da mão direita, derrubou por nove segundos o pugilista espanhol. Até esse momento, encaixara sem entusiasmo repetidas séries de golpes potentes, que o inferiorizaram. Depois, no preciso momento em que souo o timbre para finalizar o período, recebeu outro golpe na mandíbula, tombando na lona com estrondo.

Pouco refeito, ainda, da punição recebida, Ferrer atacou com valentia, mas sem quaisquer vislumbres de perigo, acabando o assalto com uma ferida no sobrolho e sangrando do nariz. No terceiro round, Cerdan continuou sem forçar o andamento da batalha, e no quarto aplicou um soco na região do fígado, abatendo o adversário pela conta decisiva.

No mesmo espectáculo Luiz Romero, campeão espanhol dos levíssimos, ganhou por pontos ao nosso conhecido Santiago, arrebatando-lhe o título nacional dos meio-leves.

A luta foi menos brilhante do que se esperava, por se temerem ambos os jogadores.

Augusto de Sousa e Lorente batalharam com dureza durante 8 assaltos, perdendo o português por escassa margem.

Espera-se que em breve se realize em Madrid um combate entre Cerdan e o vetusto Inácio Ara, campeão de Espanha de pesos médios. Também se diz que o mesmo Cerdan voltará a Portugal para defrontar um notável pugilista estrangeiro.

### Sensacional vitória de Lee Oma

**E**M quatro assaltos, apenas, o campeão do Mundo dos meio-pesados Gus Lesnevich dobrou a cerviz perante Lee Oma, um russo-americano que aprendeu a jogar o soco na penitenciaría.

Esta concludente e indiscutível vitória parece confirmar as pretensões de Oma ao título mundial, que possui o preto Joe Louis. Até lá, pensa-se em oprimir o inglês Bruce Woodcock, se as

pretensões financeiras do ex-predatório descerem abaixo das 9 mil libras exigidas.

### Um émulo de Cerdan: Famechon

**R**AY FAMECHON, campeão francês dos meios-leves e que até hoje nunca foi vencido, nem como amador nem como profissional, conquistou outra vitória de enorme mérito, agora em Londres. Oposto ao negro canadiano Danny Webb, no Seymour Hall, terminou o combate vitorioso por pontos. O público aplaudiu entusiasmadíssimo a vitória do francês, que dominou em todos os assaltos, dando-se ao luxo de abater o adversário no 5.º assalto por nove segundos.

### Johnny Greco e Beau Jack empatam

**T**AMBÉM em Nova-York combateram dois reputados pugilistas de peso leve, Beau Jack (preto) e Johnny Greco (branco). A luta durou os assaltos previstos e foi tão disputada quanto era possível. No fim, o canadiano e seu escuro rival estavam em igualdade de pontos, e a decisão de empate foi bem acolhida do público.

A receita excedeu tudo quanto até agora se havia atingido em combates sem qualquer título em jogo: três mil e setecentos contos!!!

## TÉNIS

### Um novo astro da raquete

**A** Inglaterra descobriu um tenista capaz (segundo se julga...) de emular as proezas de Fred Perry e Bunny Austin. Chama-se Roland Carter, do Queen's Clube, que, em 1939, com 18 anos, ganhou o torneio do London Evening News.

Antes de ser seleccionado para lutar contra os franceses na Taça Davis, em maio próximo, tomará parte em diferentes campeonatos para se avaliar a que ponto chegam os seus méritos presentes.

### Condições de assinatura

Custo por número . . .	2\$00
3 meses, Esc. . . . .	26\$00
6 » » . . . . .	52\$00
12 » » . . . . .	104\$00

## Há resposta para tudo...

P. 309 — Porque não foi Cabrita seleccionado? (De Francisco Matos Silva, de Cantanhede).

R. 309 — Cabrita tem a desventura de ter à sua frente um homem que se chama Peyroteo. Desviá-lo para outro posto, é sempre um problema.

P. 310 — Depois de uma violentíssima discussão entre dois irmãos sportinguista e benfiquista, queira dizer-me se, depois de Julho alinhar no Benfica, não será esta linha melhor que a do Sporting e a do Olhanense? (De Couço).

R. 310 — Valores sensivelmente iguais.

P. 311 — Venho, por este meio, pedir o favor de me elucidar sobre três perguntas, uma delas tão indiscutível como é o guarda-redes Azevedo; mas o decorrer dos factos obriga-me a várias dúvidas. Trata-se do que sucedeu agora com a R. A. F.

Por que razão chamaram Capela em vez de Azevedo?

P. 312 — Qual deles é o melhor?

P. 313 — Qual o melhor? Faustino (Académica) ou Grazina (Olhanense). (De Fernando Sobral Caiado).

R. 311 — Havia inicialmente a ideia de só utilizar militares até à classe dos 27 anos. Mas essa ideia foi posta de parte. Portanto, justificava-se o chamamento de Capela.

R. 312 — Por enquanto, Azevedo é o melhor de todos.

R. 313 — Grazina, do Olhanense.

P. 314 — Consta que é o Araújo, do F. C. do Porto, o actual interior-direito da Selecção Nacional. Será verdade?

P. 315 — Capela, do Belenenses, ainda alinha este ano?

P. 316 — Frederico Barrigana, do Porto, é ou não superior ao Valongo, do Estoril? (Do Barão Parentense).

R. 314 — O caso leva directamente à interpretação da palavra actual. Que quer dizer isso de «actual»? Bem! Mas não vale a pena gastar mais palavras. Araújo tem, na verdade, condições e qualidades para ocupar o posto de interior-direito na Selecção Nacional.

R. 315 — Já treinou até, verificando-se a necessidade de conservar-se em repouso durante mais algum tempo. Deve alinhar dentro de pouco tempo.

R. 316 — É difícil responder, em consciência. Não deve haver entre os dois guarda-redes grande diferença. Barrigana talvez seja mais usado. Valongo sabe mais. Eis tudo!

P. 317 — Há dias tive uma teima com uma minha colega de estudos sobre o seguinte: ela afirma que o melhor avançado-centro, abaixo de Peyroteo, é o Cabrita, do Olhanense, e eu afirmo que o melhor, abaixo de Peyroteo, é o Correia Dias. (De B. da C. L., de Coimbra).

R. 317 — Trata-se de jogadores de tipo diferente. Mas votamos em Cabrita.

# MUNDO da BOLA

para o JORNALISTA desconhecido

## Portugal-Espanha à vista!

ENFIM, o Portugal-Espanha começa a preocupar os nossos vizinhos. Como é do domínio público, puseram-se dúvidas sobre a realização do encontro na presente temporada, provenientes da interpretação de uma palavra, argumento capcioso e de velor nulo.

Tudo parece resolvido. Após determinadas demarches, os dirigentes da Federação Espanhola dispõem-se a vir ao nosso país, na época presente, mantendo desta forma a palavra dada e o acordo estabelecido.

Não temos dúvidas no caso — por mor dos indícios que surpreendemos.

Mais! Os espanhóis preparam-se para o próximo encontro com cuidados que não costumam ter. Hoje, mesmo, quando a nossa Revista sair para a rua, deve estar a realizar-se em Madrid um treino de selecção, com jogadores vindos de todos os pontos de Espanha e sob convocação de Passarin, como início de uma preparação intensa. Parece que o seleccionador se decederá pela utilização dos jogadores

de tipo atlético e jogo eficiente, à maneira vasca.

Seja como for, não há dúvida que este encontro é aceite pela Federação vizinha à *contre-coeur*. Os próprios jornais reflectem semelhante estado de espírito. Por exemplo, escreve-se no ABC o seguinte:

«Não temos mais remédio que começar a ocupar-nos de próxima partida Portugal-Espanha, que, ao que parece, se jogará em Lisboa no próximo 21 de Abril.

É preciso ter em conta que a nossa selecção nunca foi vencida pela lusinga. Mas não nos dá recordor o «refrain» que diz: Tanta vez val o cãtero à fonte... que acabará Passarin por recolher os cecos».

O mais curioso é que esilveram outro dia, em Lisboa, dois críticos reputados. Um deles, Escartin, é de opinião que a linha espanhola deve ser muito boa e muito melhor que a do ano passado.

Outro, Eduardo Teus, mantém que, presentemente, a Espanha não tem linha para se deslocar com êxito a Portugal.

Enfim — venha o jogo. Alguma vez se he-de quebrar o enguiço!

## CONTA-GOTAS

É sempre um tema. Há pessoas que só se inscrevem como associadas quando os clubes ganham! Logo que o vento da desgraça sopra, rasgam os cartões e abrem a porta da saída.

A propósito do que aconteceu no encontro Madrid-Espanhol, escreve Eduardo Teus:

Terceiro empate consecutivo do Madrid em seu campo.

Seus sócios já não se lembram da data em que o viram vencer, no seu campo, e indignam-se. Realmente, aqueles que levam o seu desporto até o ponto de rasgar o cartão, devem manter a sua atitude e ir-se. A nenhum clube convém «entusiastas» deste género. Se sòmente se é de um clube para dizer, orgulhosamente e puerilmente, «ganhámos», quando a equipa triunfa, mais vale saber a que ater-se é que se vão embora os que não podem aceitar que os seus jogadores estejam francamente mal.

Alguma coisa aprendemos com os ingleses que outro dia se apresentaram no Estádio Nacional. Há jogadores que começam a desmarcar-se com mais segurança, dando a impressão que souberam ver o que se passava no Jamor, tentando aplicar na prática o que observaram.

Mas também se poderá afirmar que os ingleses aprenderam alguma coisa conosco. Pelo menos, a pôr um pouco mais de entusiasmo no seu futebol, sem o que os aguardarão alguns dissabores no continente.

Não há, digam o que disserem, para movimentar gente como o futebol, e dar às terras um ar de alegria e folgado.

Setúbal registou uma invasão, no passado domingo. Os restaurantes, os cafés e outros estabelecimentos encheram-se durante algumas horas, em animação invulgar. No Clube Naval Setubalense, com um restaurante que honra a cidade, era preciso meter empenhos para conseguir uma mesa livre. Semelhante movimento e alegria é uma vitória do jogo!

Em quase todas as arbitragens, a colaboração do árbitro com os juizes de linha continua a ser muito deficiente, e o critério do juiz de campo aceitar cegamente as indicações dos auxiliares continua a fazer carreira.

No campo dos Arcos, em Setúbal, muitos erros praticou um dos juizes de linha, todos eles sancionados pelo senhor árbitro, que, em boa verdade, não seguindo o jogo, e na diagonal, não tinha outra solução do que acatar o agitar da bandeira!

## CORRE QUE...

Provavelmente, a presidência da A. F. L. recairá no sr. Joaquim Paiva e Silva, do Atlético, que abandonará o seu alto cargo no clube.

Vai realizar-se um treino da selecção portuguesa de hoje a oito dias, no Estádio Nacional.

O internacional Matthews declarou a um jornalista que gostaria muito que o seu clube, o Stoke City, viesse a Portugal.

Que há já um clube de Lisboa que está em negociações, para o efeito, com o Stoke.

Os serviços de traumatologia agora instalados no Centro de Medicina Desportiva eram uma premente necessidade!

## A Associação de Luanda pensa desfiliar-se?

EMOS a notícia no «Diário de Luanda», que amavelmente foi enviado a um nosso camarada. Parece que a Associação de Futebol de Luanda incluiu como ordem de trabalhos, na sua assembleia geral ordinária, o seguinte:

Nomeação de uma comissão para estudar as vantagens e os inconvenientes da manutenção da filiação na Federação Portuguesa de Futebol.

E' assim mesmo, sem tirar nem pôr. Pasma-se como isto pode suceder, e como há pessoas que têm ainda hoje a ideia de que não há uma organização desportiva no nosso país!

O jornalista Couto Cabral, que comenta esta decisão da Associação de Luanda, judiciosamente aponta a propósito o interesse que se está a manifestar na metrópole pelo futebol de Angola e de Moçambique, recolhendo sugestões e opiniões do nosso prezado chefe da redacção, Tavares da Silva.

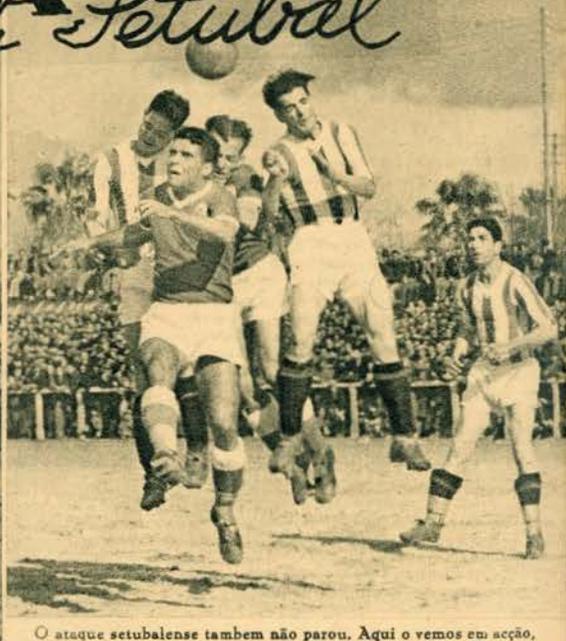
Limitamo-nos, pela nossa parte, a desejar que o bom-senso triunfe em Luanda, lembrando que a filiação na Federação de Futebol é obrigatória, desde que se queira praticar futebol. E' possível, mesmo, que o assunto já tenha sido resolvido a esta hora, e que não haja razão, portanto, para comentários. Em todo o caso, como princípio, a atitude da Associação de Luanda não está certa. Mesmo nada!

assinem a STADIUM

# Excelente vitória do **BENFICA** em Setubal



Mário Rui, embora rodeado de adversários, sobe para a bola e derrota a saída de Acácio. Esta bola chegará às redes!

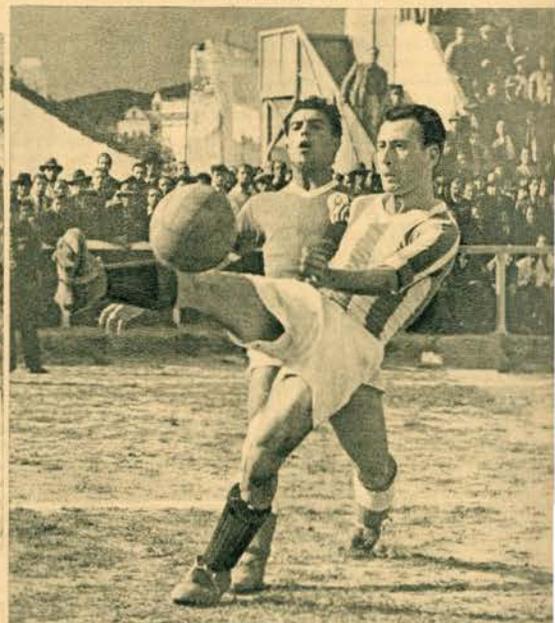


O ataque setubalense também não parou. Aqui o vemos em acção, graças ao esforço de Rodrigues, Vasco e Pina. Moreira e Teixeira, entretanto, opõem-se



Rendas luta contra Francisco Ferreira, Martins e Cerqueira. Não está mal acompanhado!

Cerqueira, brilha em Setubal. Um avançado do Vitória, nesta fase, renuncia claramente na sua presença



Rendas e Artur Teixeira, em pleno esforço



Pelo estilo vê-se logo: — trata-se de Rogério! O remate vai partir, difícil, como é costume...

# O BELENENSES passou à frente do SPORTING...



Albano tenta dominar Vasco



Cardoso, devolve uma bola alta. António e Manuel Marques, ou estão surpreendidos ou se mostram entusiasmados com o lance...



Azevedo, vigiado por M. Marques, vai receber uma bola com a sua habitual segurança



Feliciano é inegavelmente um grande defensor! Nesta jogada, intercepta com extraordinário poder atlético uma bola vinda do ataque ensaiado por Peyroteo



Serio 2.º, na falta de Capela, defendeu as balizas belenenses. E bem, como pode apreciar-se



Os presidentes do Sporting e do Belenenses, antes do jogo, abraçam-se. Os leões haviam ofertado uma cigarreira de prata que pertenceu ao falecido Pepe, e a cerimónia teve natural significação

# A nova época

## em perspectiva

**A** PROXIMA-SE a época do remo e tudo indica que a Federação Portuguesa de Remo, consciente dos seus deveres e recordando os louros conquistados na última época, vai confirmar os seus propósitos, pondo em prática uma série de iniciativas a promover no decurso deste ano.

Registe-se desde já que se conta com o bom entusiasmo dos clubes e remadores e — o mais importante — com o aperfeiçoamento técnico das nossas tripulações, a confirmar as suas boas demonstrações nos campeonatos nacionais e no Peninsular, em Viana do Castelo. Lisboa estará presente com todos seus valores, reforçados com gente nova e da mesma forma se conta com o Porto, Aveiro, Caminha, Viana do Castelo e sobretudo com a Figueira da Foz, onde o sr. capitão dr. Ernesto Tomé, presidindo na Comissão Municipal de Turismo, nos garante boa acção em defesa e propagação do desporto do remo.

Ao mesmo tempo trabalha-se com interesse na preparação do IV Campeonato Peninsular, que este ano se disputará em 16 de Julho, provavelmente em Marin, na Galiza. E este ano a prova será valorizada com o campeonato de «skif» — uma prova de grande categoria, para verdadeiros especialistas da modalidade, que requer uma aturada preparação. Sob este aspecto, já os remadores espanhóis e portugueses deram início à sua preparação.

Anote-se ainda com inteira satisfação que a Câmara Municipal de Lisboa, por proposta do seu ilustre presidente, sr. tenente coronel Salvação Barreto, instituiu um prémio anual para ser disputado perpetuamente pelos clubes de Lisboa.

Presentemente as informações sobre a época do remo são animadoras e deixam-nos a certeza de que a propagação e o prestígio da útil modalidade desportiva vai continuar. Excelente.

### A secção náutica da Casa do Povo de Lanhelas

Na última época, tanto nos campeonatos nacionais como nas regatas peninsulares, compareceram em provas complementares os remadores da secção náutica da Casa do Povo de Lanhelas. A impressão causada pelos novos remadores foi boa, reconhecendo-se-lhes qualidades que muito poderiam contribuir para ajudar à expansão do remo nacional. Mas a sua comparação em provas desportivas estava prejudicada, visto tratar-se de uma secção desportiva de um organismo corporativo. No entanto, embora o organismo federativo do facto desse conhecimento aos interessados,

estes, apesar de tudo, mantiveram o seu pedido de filiação.

O caso ficou agora esclarecido, depois de devidamente apreciado com base nas leis que orientam as sociedades desportivas. Entre outras regras anota a de que «os organismos desportivos devem, pelo menos, ter, além da mesa da assembleia geral, uma direcção e um conselho fiscal».

Esta regra não prevê o regulamento da secção náutica da Casa do Povo de Lanhelas, que pode sim praticar qualquer modalidade de desporto, por a isso se achar autorizada, dentro da competência atribuída a F. N. A. T., mas que não pode ser considerada uma sociedade ou organismo desportivo, para o efeito de poder filiar-se em qualquer Federação.

É indiscutível, pois, que enquanto a secção náutica da Casa do Povo de Lanhelas não adoptar a organização que lhe dê características de sociedade desportiva, não pode aspirar a agrupar-se em associações ou filiar-se em federações.

F. S.

## Segunda Divisão

**U**MA verdadeira surpresa: — o derrota do Leixões, por 2-1, contra o Sporting de Fafe. Depois da vitória dos matosinhos, 8 dias antes, em Brage, aguardava-se melhor comportamento no último domingo.

Este resultado, entretanto, não desloca o Leixões do primeiro posto na primeira série. O que não passou foi sem derrotas...

Já o F. C. de Famalicão continua a dominar dentro e fora do seu campo. A última vítima: — o Ermesinde, que sucumbiu por 10-1.

Na jornada de domingo findo, interessava bastante o resultado do encontro União de Beja-Luso. Era decisivo para a classificação da 15.ª série, mas os unionistas conseguiram 2-0, e manter-se, por isso, na vanguarda.

O Comando das séries está mais ou menos atribulado. Lá pelo Norte, o Leixões, o Salgueiros — agora vencedor do Gil Vicente por 2-1 — e o Famalicão, mantêm-se nas posições anteriores. Em Coimbra, o União está na prova sem derrotas ou empates, e ganhou novamente ao S. L. Viseu — por 5-3.

Onde há equilíbrio sensível é na 7.ª série, — a caminho do Sul. Futebol Benfica, Operário Vilafranquense e Ferroviários do Entroncamento têm-se batido com certa energia, mas a vitória do Alcobaça sobre o grupo de V. F. de Xira, por 3-2, destruiu já algumas aspirações... Lisboa e os rapazes do Entroncamento continuam empatedos.

O Sacovenense, que há uma se-

**E**XPIROU, em 28 de Fevereiro findo, o prazo de entrega de originais para o nosso Concurso de Composição de Problemas de Xadrez.

Perecorrido, com o maior sucesso, uma grande etapa do nosso empreendimento, outra se inicia agora, pertencendo à última palavra ao juiz examinador, o mestre espanhol D. Francisco Novajrque.

É francamente brilhante o êxito alcançado pela nossa iniciativa. O número de originais recebidos eleva-se a 86 — cifra que podemos considerar recorde da Península!

Quase dois terços dos problemas enviados pertencem a autores estrangeiros. Toda a Europa Ocidental está representada no nosso Concurso. Problemas de Portugal, Espanha, França, Bélgica, Holanda e do Brasil quiseram colaborar nesta iniciativa, que bem pode considerar-se precursora do movimento problemístico português.

Mas tão expressivo número de originais — que excede largamente as melhores perspectivas iniciais, cria-nos uma situação difícil de resolver: a publicação de todos os problemas recebidos.

A inserção de dois problemas em cada número da «Stadium» acarreta-nos já um esforço que mostra bem a nossa boa vontade, dada a falta de espaço e

as exigências da secção, em pleno desenvolvimento.

Na impossibilidade de publicar, como desejaríamos, todos os trabalhos, num prazo razoável, submetemo-nos ao recurso que nos parece mais indicado: «racionar» a publicação em diagrama, publicando parte dos problemas na conhecida notação Forsyth. Não sendo praticável a selecção prévia dos originais, publicaremos, em diagrama, um problema de cada autor. Na hipótese do concorrente ter enviado mais de uma composição, serão os restantes publicados em notação Forsyth.

O Concurso de Solução englobará apenas os problemas publicados em diagrama, dando-se por findo ao darmos o veredicto do juiz do Concurso de Composição.

Estamos certos do bom acolhimento que esta medida merecerá a todos os nossos leitores, e, em particular, aos autores concorrentes.

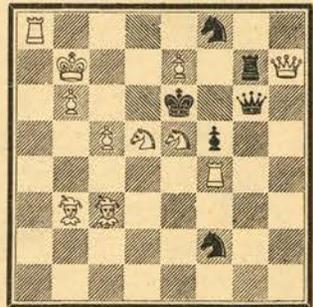
As incessantes provas de simpatia e interesse que recebemos estimulam-nos a continuarmos o mesmo programa — e ampliá-lo, até, quanto possível.

E, na perspectiva de intensificarmos ainda mais o intercâmbio internacional, fazemos desde já parte do nosso plano de organização novas iniciativas de grande projecção: o Campeonato de Portugal de Problemistas e um match problemístico Portugal-Espanha!

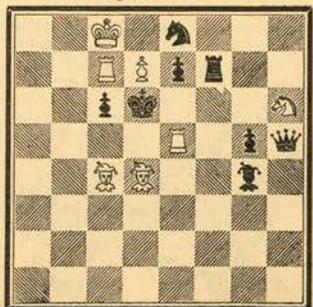
Voltaremos ao assunto, com pormenor, nos próximos números.

Vasco Santos

### PROBLEMA XXIX «Minerva»



### PROBLEMA XXX «Jeanne»



mana bateu o Barreirense, ganhou desta vez ao Operário por 3-2. Isto demonstra segura subida de forma. Quanto ao Estoril — é assunto arrumado. Ganhou por 12-0 ao Bombarralense — e isto diz tudo...

A equipa chelense venceu por 4-1 o grupo da União Operária de Santarém, mas os «leões» desta última cidade obtiveram bom resultado sobre a «Cuj» de Lisboa: — 2-1. O Fósforos não teve dificuldades, visto que derrotou o Monte da Caparica por 8-0.

Na 13.ª série, o S. L. Castelo Branco não beixou bandeira. O Desportivo Portalegrense foi derrotado por 4-1, o Sporting de Covilhã perdeu também, com o Campomaiorense, e os «encarnados» da Beira podem por isso aguardar com serenidade...

Sem derrotas está igualmente o Portimonense. Segue na vanguarda da 16.ª série — tendo vencido no domingo o Esperança por 3-1. Vitória expressiva: — a do S. L. Elvas, 0-18 com o Lusitano...

Resultados gerais:  
Grupo A — Série 1: — União Paredes-Avintes, 4-2; Sp. Brage-Vila Real, 5-3; Sp. Fafe-Leixões, 2-1.

Série 2: — Ermesinde-Famalicão, 1-10; Ramaldense-Candol, 3-2.

Série 3: — Vianense-Académico, 3-0; Aves-Coimbrões, 6-1; Gil Vicente-Salgueiros, 1-2.

Série 4: — Ovarense-Progresso, 5-1; Leça-União Lamas, 2-1; Sp. Espinho-Vilanovense, 6-1.

(Continua na página seguinte)

# UMA NOVA ÉPOCA

## MOVIMENTADA E PROMETEDORA



**RESOLVIDAS** da melhor maneira para os nossos desejos as dificuldades que os dirigentes da Federação Espanhola de Futebol opunham — se m

explicação plausível — ao encontro peninsular na temporada presente, sofismando as indicações superiores com um gracioso mas pouco engraçado problema de semântica, ficou estabelecido o programa completo do intercâmbio representativo com os desportistas da nação vizinha: atletismo, basquetebol, futebol, natação e remo. Acrescentando, sem características de competição nacional, provas de ciclismo, hóquei em patins e vela.

Temos, por esta forma, organizado um calendário rico, variado e interessante, que porá à prova os progressos do nosso desporto em plano de eclectismo sempre aconselhável, pois assim os desaires serão compensados pelos resultados favoráveis noutras modalidades.

Com plena consciência das suas responsabilidades, as federações portuguesas começaram já cuidando da preparação dos seus futuros representantes, vigiando o trabalho dos que participam em desportos individuais e reunindo os que hão-de agir em equipa.

No meio desta animação aparecem, porém, algumas situações paradoxais e que não podem manter-se porque prejudicam a boa sequência dos projectos delineados; por exemplo, a demora no empossamento dos novos federativos da natação, já eleitos há bastante tempo, o que impede o organismo respectivo de dar seguimento aos importantíssimos assuntos pendentes, entre os quais figura a confirmação das condições do encontro com a Espanha.

A Federação de Ciclismo, fazendo fé pelo texto dos artigos que o seu presidente assina, conseguiu resolver as divergências existentes entre ela e os organizadores da Volta a Espanha; mas, segundo se depreende também das citadas referências, o seu critério quanto às regalias consideradas mínimas para a presença na prova da equipa portuguesa mudou inesperadamente e prescindiu — não se percebe bem como nem porquê — de uma dessas regalias, que, com maior firmeza, exigira, declarando-a indispensável à face da experiência do ano passado, a mesma experiência agora invocada para justificar a sua transigência com a negativa dos organizadores.

O basquetebol nomeou o seu seleccionador nacional, que também o é de Lisboa; embora ainda se não conheça a data do encontro ibérico, os trabalhos de pre-selecção começaram, pois como tal se devem considerar os recentes encontros dos lisboetas com os portuenses e conimbricenses.

**V**AI começar a nova época hípica e não se pode dizer que comece cedo, num ano em que se anunciam inúmeras provas e em que se fala em treinos de preparação olímpica.

Perderam-se, se bem que com motivo justificado — os novos corpos gerentes da S. H. P. só no passado dia 26 foram empossados — alguns domingos verdadeiramente primaveris, que teriam servido magnificamente para as habituais «poules» de abertura, sempre agradáveis e úteis quando há, como este ano, cavalos a «meter».

É nota inédita da nossa Agenda Hípica o inaugurar-se a época em Cascais, circunstância que se deve ao atraso verificado em Lisboa, aliado ao facto da Sociedade de Propaganda daquela vila ter incluído um festival hípico, a realizar no próximo dia 10, no programa das suas festas de aniversário.

Cascais, que anualmente nos oferece um bom Concurso e que este ano pensa em dar-lhe categoria internacional, para o que convidou a disputá-lo uma forte equipa espanhola, demonstra mais uma vez a sua simpatia por um desporto que goza na região de geral agrado. As «poules» de abertura da nova época devem atrair ao hipódromo da Gandarinha numeroso público.

Já que falámos de Cascais e do seu Concurso, podemos afirmar ainda que o deste ano se realizará nos dias 7, 8, 10, 12, 14 e 15 de Setembro, depois portanto do de Mafra, marcado para 24, 25 e 31 de Agosto e 1 do mês seguinte.

Quanto às provas de Lisboa, nada está ainda resolvido, segundo julgamos, falando-se na realização de «poules» e até num Concurso da Primavera, a realizar-se antes do Concurso Internacional, que terá lugar em Maio, como no ano anterior.

Dentro de breves dias a Sociedade Hípica apresentará o seu programa, que, como sempre, será cuidadosamente elaborado.

Quanto à representação nacional nos Concursos a realizar no estrangeiro — possivelmente em Madrid e em Valladolid — sabe-se que os cavalos estão a ser trabalhados pelos oficiais indicados pelo major Ivens Ferraz, actual seleccionador das equipas militares portuguesas. Se bem que todos esses concursistas estejam à altura das responsabilidades que lhe vão ser pedidas, causou, no entanto, uma certa surpresa no meio hípico o facto de nenhum dos oficiais que, com tanto brilho, nos representaram no ano passado em Madrid e Barcelona, estar indicado para fazer parte da equipa deste ano, e alguns parecem-nos insubstituíveis.

A nova época está despertando justificado interesse, não só porque o público espera ver as provas pré-olímpicas a que há tempos nos referimos numa entrevista que nos foi concedida pelo general Manuel Latino, presidente da Federação Equestre, como também porque devem fazer este ano a sua apresentação em público alguns dos cavalos irlandeses comprados recentemente pelo Governo.

Se bem que nem todos estejam com um grau de ensino que lhes permita grandes cometimentos, alguns haverá que nos darão indicações sobre o seu valor e possibilidades futuras.

Devemos ainda contar com a realização do Concurso do Porto, esperando que os organizadores do de Vila Franca, que no ano anterior inexplicavelmente se puseram à margem da organização, voltem esta época a proporcionar-nos um certame que estava criando nome e que reunia numeroso público.

Se contarmos com o Campeonato do Cavalo de Guerra e com os pequenos concursos que sempre se realizam, teremos dado uma ideia do que será a nova época, que se nos depara movimentada e promettedora.

Antas Teixeira



interesse crescente do público pelas mais variadas competições desportivas toma cada dia mais evidente a insuficiência das instalações

existentes em Lisboa e, com maior propriedade, no país inteiro.

Não falaremos já — questão debatida e patente desde a sua inauguração — na capacidade do Estádio Nacional, que não chega para a afluência de espectadores ávidos de assistir aos grandes jogos internacionais; este é outro problema, cuja solução à vista lerá mais cedo ou mais tarde, quanto mais cedo melhor, que ser ponderada pela Comissão de Obras, e consiste em fechar o anel das arquibancadas, com toda a espécie de vantagens.

Se, porém, desviarmos a nossa atenção do futebol para as outras modalidades, verificamos condição muito mais precária. Os exemplos abundam: o hóquei em patins não dispõe de recinto compatível com a sua expansão, como ficou demonstrado no ano passado, quando nos visitaram os suíços; o basquetebol deixa ficar na rua, nos simples jogos do torneio regional, centenas de pessoas que excedem a lotação do único local possível para as suas organizações; nos principais encontros do campeonato de ténis de mesa, a porta da sala tem que ser fechada às lantãs, porque a assistência transborda; e mais casos poderíamos citar.

Ainda que mais razões não houvesse, basta a perspectiva de próximas competições internacionais nas modalidades desportivas que apontamos como exemplos.

Impõe-se em Lisboa a construção de um Palácio dos Desportos, em cujas dependências (de uma cajadada mantavam-se dois coelhos) se poderiam instalar as federações nacionais, que ao presente lutam com a falta de sede condigna para os seus serviços. Esta solução, a única aceitável como definitiva, cabe, melhor do que a nenhuma outra entidade, à Câmara Municipal, que, sob o impulso entusiasta do sr. tenente-coronel Salvação Barreto, tem prestado inequívocas provas de interesse pelo apetrechamento desportivo da cidade.

Fica, contudo, ainda presente — mesmo que os factos se encaminhem neste sentido — a solução transitória que permita organizações imediatas com a garantia de resultado compensador e de lugar para toda a gente que quisesse presenciá-las.

Aqui, também, poderia a Câmara prestar auxílio precioso ao desporto lisboense e algumas diligências, que nos consta haberem sido efectuadas pelos dirigentes a quem o problema mais interessa, provam que o assunto não está descurado e sobre ele convergem as boas vontades precisas para o resolver em bem.

## Segunda Divisão

(Continuação da página anterior)

Grupo B — Série 5: — Acad. Viseu-Beira Mar, 4-1; União Coimbra-S. L. Viseu, 5-2.

Série 6: — Sport-Lusitânico, 1-2; Naval 1.º de Meio-Tondelo, 10-1.

Série 7: — Nazarenos-Alhandro, 1-1; Op. Vilafrankense-Alcoabaço, 2-3; F. Benfica-Ferroviários, 2-1.

Série 8: — Peniche-Alcanenense, 2-2; Malrena-Torreense, 0-3.

Série 9: — Chelas-União Operária, 4-0; Leões Santarém-Cuf Lisboa, 2-1; Estoril-Bomborlense, 12-0.

Série 10: — Ginásio Sul-Merivilense, 8-5; S. L. Olivais-Casa

Pia A. C., 2-3; Almada-Seixal, 3-2

Série 11: — Op. Sacavenense, 2-3; Fósforos-Monte Caprice, 8-0; Barreiraense-Palmense, 6-0.

Série 12: — Aldegalense-Cuf Barreiro, 2-6; Lusitano-Unidos Montijo, 0-4.

Grupo D — Série 13: — Covilhenses-C. P. Abrantes, 0-1; Campomaiorense-Sp. Covilhã, 1-0; S. L. C. Branco-Portegrense, 4-1.

Série 14: — Amora-União Montemor, 3-1.

Série 15: — União Bejo-Luso Bejo, 2-0; Piense-S. L. Évora, 3-1.

Série 16: — Portimonense-Boa Esperança, 3-1; Lusitano-S. L. Faro, 18-0.



Antes do treino, os ciclistas ouvem os conselhos do seu treinador



Depois da corrida, há defeitos a corrigir. Os ciclistas recebem por isso valiosas indicações

Jorge Pereira comanda um poletão — mas os colegas mostram-se dispostos a dar luta



Os ciclistas da ILUMINANTE  
prepararam-se para as próximas corridas

clássicos», mais um treino de conjunto dos corredores do Grupo Desportivo de A Iluminante — equipa que terá como principais adversários, na época prestes a começar, a não muito numerosa mas homogênea e valiosa turma do Sporting Clube de Portugal.

Tal como de corrida se tratasse os «iluminantes» entram na estrada do Areeiro em marcha veloz, seguindo em fila indiana e rezeando-se na frente do pelotão com constante frequência. Os «estícios» sucedem-se, feitos em «desmultiplicações» médias, no propósito de criar fôlego, necessário para não serem atraídos por partida de prova ultra-rápida, e assim o treino toma por momentos o aspecto de corrida.

Assim, até às rampas de Canaças, a velocidade não abranda, sempre numa cadência forte, imposta com pujança por José Martins, Eduardo Lopes, José Pereira e Manuel Rocha — afinal os homens que estão por assim dizer em forma.

**N**OVE horas de uma manhã que fazia esquecer que se estava no mês de Fevereiro. Apesar da brisa, o sol de verdadeira primavera convidava a sair cedo a tomar contacto com as inigualáveis belezas da nossa terra e do nosso clima.

No posto clínico que o clube possui na sua nova sede, o dr. José Maria Cardoso, solícito, e amável, observa, auscultando-o, o possante estradista José Martins, que novamente volta à actualidade.

Cá fora, um automóvel com rodas sobressalentes de bicicleta, fruta e outros alimentos próprios para corredores está rodeado de ciclistas, provocando a curiosidade de quem passa. Esses ciclistas ultimam os preparativos para partirem. Uns desfazendo-se das espessas camisolas que envergam por cima das equipas, outros verificando se a mecânica das montadas está apta a suportar uma caminhada de muitas dezenas de quilómetros.

Pelo treinador obsequioso do clube é indicado aos corredores o percurso a seguir, quais os homens que mais terão de atacar e ainda como deve ser orientada esta saída de preparação.

E assim principia, pouco depois, Almirante Reis fora, em direcção ao Aeroporto, e daí a caminho do circuito dos «100

rolar» em marcha uniforme sem estícios, com cada homem no comando apenas 4 a 5 minutos. Os corredores amadores — Espadinha, João Nunes, Américo Pereira — e Carlos Quadros a sentir a diferença do percurso, pois é a primeira saída que faz em caminhos acidentados, mantêm-se abrigados na cauda dos «feras» — numa defesa cautelosa para aguentar os «100 quilómetros».

O vento a soprar de viés nas rectas da Ericeira obriga os corredores a formarem em linha oblíqua — formação perfeita que nos faz lembrar tantas outras vistas nos documentários de importantes competições internacionais.

Chega-se por fim à rampa da Ericeira — com os seus três «lombos» de grande inclinação — verdadeira pedra de loque que permite avaliar a forma dos ciclistas. E depois de três «sacudidelas» mais fortes, ao cume da ladeira chegam apenas juntos Eduardo Lopes — que trepara bem sentido sobre o selim; José Martins, possante, mas ainda sem a facilidade de movimentos que lhe é peculiar; Manuel Rocha, no seu estilo ágil e algo saltitante; Guilherme Jacinto, sóbrio de movimentos mas confiado, e Jorge Pereira, embora a dar mostras de estar em dificuldade, mas que outra coisa não era que a sua própria maneira de pedalar.

Não havia dúvidas. A quinze semanas da abertura da temporada, a equipa, no conjunto, estava já a «carburar» quase afinada. Não houve por isso necessidade de forçar o treino ao longo das rectas de Mafra, nem no troço acidentado que liga a histórica vila a Malveira. Houve, sim, que refazer forças esgotando as vitualhas do carro.

Mais uns pequenos arranques a caminho de Loures, para desentorpecer as pernas; depois um forte «estício» no cimo de Carriço, para habituar o fôlego, aquilo que normalmente se torna obrigatório durante as provas e por último movimentada embalagem na alameda do Campo Grande, onde cada um dos corredores pôde avaliar as suas reais qualidades de velocidade.

E assim se concluiu proveitoso e bem orientado treino dum equipa que, a manter-se em forma, muito deverá contribuir para o brilho das pugnas velocipedicas, que principiam a travar-se no próximo dia 10 de Março com os já tradicionais «50 clássicos».

# Stadium na PROVINCIA



Em Vila Viçosa pratica-se o tiro aos pombos em larga escala. E brilhantemente. Nesta fotografia se vê um grupo de jovens atiradores, acompanhados pelo ex-campeão de Portugal aos pombos, António Simões, e pelo actual campeão de tiro aos pratos de Vila Viçosa, Marcos Charrua (Filho)

Avelino Aires treinador do Agrícola S. C., de Montemor-o-Velho

Manuel da Silva Valente, a quem chamam o «Guilherme» candalense, defensor do Clube Desportivo do Candal

Diamantino da Silva Gomes, outro excelente defensor do Clube Desportivo do Candal



Na Chamusca, existe o Sporting Clube Chamusquense, que tem conquistado excelentes vitórias. No grupo, que publicamos: — De pé, da esquerda — Cruz, juiz de linha, Correia 2.º, Custódio, Gaspar (suplente), Narciso, Passos, Jesus, Narciso 1.º e Cabaço. De joelhos — Vacas, Santos, Cegonho, Frago e Correia 1.º (capitão)



No Candal, Vila Nova de Gaia, já existiu um clube que pertenceu à Divisão de Honra da A. F. Porto. E deu ao país um magnífico «internacional»: — António Soares. Deixou de existir com o nome de Grémio — e é hoje o Clube Desportivo do Candal: Os seguintes jogadores presentes na fotografia: De pé, — Guilherme, João Marques, Lapa, Jaime, António Soares, Eduardo, Sousa, Mário, Rocha, Felix e Celestino

Não devolvemos fotografias. Accitam-se todos os originais publicáveis.

O 1.º grupo do União Desportivo Vilafranquense, de Vila Franca do Ervedal da Beira



Outro grupo que tem dado brilho ao campeonato açoreano: — o Clube União Sportiva, actualmente em 4.º lugar no torneio de Ponta Delgada. Compõem a equipa os seguintes jogadores: — Moreira, Lino, Graça, Helder, Salsa e Anibal, de pé e da esquerda; de joelhos — Teixeira, Norberto, Jaime, Miranda e Hugo



O Clube Desportivo Santa Clara é um dos briosos concorrentes ao campeonato distrital de Ponta Delgada. Marcha actualmente em 1.º lugar, e os jogadores do grupo que publicamos são os seguintes: De pé — da esquerda Branco, Almeida, Ferreira, Cristiano, Henrique e Moniz. De joelhos — Artur, Genina, Augusto, Ratião e Garcia.



# na capital do NORTE

## MOSAICOS nortenhos...

O BOAVISTA não pôde corresponder no último domingo à confiança dos portuenses. Foi bem derrotado pelos olhanenses, mais expressivamente do que se contava. Mau dia para o clube do Bessa — tão mau como aquele que esteve reservado ao F. C. do Porto...

♦ TEM estado no Porto o senhor engenheiro Sá e Melo, sabe-se que disposto a dar mais um impulso na velha questão do Estádio, há tanto tempo reclamado pela gente do Porto.

Oxalá, Santo Deus!

♦ DEIXOU o F. C. do Porto de praticar ténis de mesa? Se assim é, — abandonou também a respectiva Associação Regional? Se assim é, lamentamos desde já que uma colectividade como o F. C. do Porto se haja alheado deste desporto, tanto mais que possui na sua sede algumas mesas e com certeza muitos cultores do movimentado jogo.

Vem isto a propósito da eleição dos corpos gerentes da Associação do Porto. Nenhum representante seu. Não, — se o F. C. P. abandonou o ténis de mesa, não procedeu bem. O clube tem responsabilidades.

♦ OS PORTUENSES têm sofrido baixas sérias e constantes nas suas equipas de futebol. Porto e Boavista, os dois clubes da divisão, já se vieram desfalcados dos seguintes jogadores, por desgraça: — Barrigana, Guilherme, Araújo, Catolino, Armando, Serafim...

Quando acabará o enguiço?

♦ NO CORTA-MATO só o F. C. do Porto e o Operário têm comparecido com a devida regularidade. É pena. Estamos à porta dos campeonatos nacionais de Juniores e de seniores, um a disputar no Porto outro em Lisboa, e nesta altura se lamentará a ausência do Académico e do Salgueiros, por exemplo.

♦ AO CONTRÁRIO do basquete, que se apresentou bem organizado contra Lisboa — não correm bem as coisas no andebol. Numa das últimas jornadas, nem os clubes se importaram com a sua apresentação no terreno. Alguns grupos alinharam com 9 e 10 homens!

Tempos, tempos...

♦ O CICLISMO portuense perderá a possível passagem de Império dos Santos para o F. C. do Porto — seu clube de origem? Nos espectáculos de pista, no limo, quando concorrem apenas clubes da cidade — talvez sim.

Em luta contra equipas de Lisboa, onde existem bons conjuntos — talvez não. Ou antes — não, com certeza!

## COELHO DA COSTA



**A**NTÓNIO COELHO DA COSTA, vítima de uma doença que não perdou, foi há dias sepultado num dos cemitérios do Porto. A geração desportiva dos últimos anos já não se lembrará, por certo, do grande jogador que foi Coelho da Costa. Todavia, nunca mais pode esquecer-se, pelos tempos fora, a sua admirável categoria de atleta e de homem de desporto, valorizada por uma educação difícil de igualar.

António Coelho da Costa, na altura em que existiam meios de admirável categoria, como

Tamanqueiro, César, Augusto Silva e tantos mais, era considerado um dos melhores valores do futebol nacional. Tendo começado nas categorias inferiores do F. C. do Porto, sabia sem favor ao grupo de honra, alinhando ao lado de ases indiscutíveis, como Tavares Bastos, Balbino, Hall, João Nanes, Cal, Artur Augusto e Siska. Foi campeão de Portugal, na jornada de Viana do Castelo, contra o Sporting, cabendo-lhe até a marcação do «goal» vitorioso — visto que bateu Cipriano nam pontapé de grande penalidade.

Conquistou muitos campeonatos do Norte e pensou-se na inclinação do seu nome em grupos nacionais.

Depois de abandonar o futebol, dirigiu, como secretário, o próprio clube a que pertencia. Foi, igualmente, seu capitão geral. À escola que o F. C. P. veio a impor durante muitas épocas, foi sem dúvida ensinada por Coelho da Costa, no seu posto de médio-centro ou de médio-lateral, e até de condutor da linha de ataque. Dominava a bola com extraordinária facilidade, como poucos jogadores do seu tempo. Era um técnico. E, por ser assim, desempenhou também as funções de seleccionador da A. F. do Porto.

Embora muito doente, nos últimos anos, nunca esteve indiferente à vida da colectividade e do desporto nacional. Faleceu novo. E deixou saudades na sua agremiação e em todos os desportistas portuenses, que o estimavam justificadamente.

## Vasco da Gama e F. C. P.

no campeonato nacional de basquete

**V**AI disputar-se novamente o campeonato nacional de basquete, modalidade que aos portuenses agrada muitíssimo e em que são fortes, pelo menos tão bons como os melhores. Não nos servimos das recentes vitórias do Porto sobre Lisboa para ilustrar esta afirmação.

O sorteio efectuou-se já em Lisboa, e os clubes representantes dessa cidade, Vasco da Gama e F. C. do Porto, campeão regional e segundo classificado, respectivamente, serão adversários do Atlético e do Benfica, duas equipas de boa categoria e antigos campeões de Portugal.

Como se sabe, desta época em diante, o último classificado «dis-

cutirá» o direito de ficar, no ano seguinte. Serve este facto para espevitar certamente o brio dos grupos da cidade, cujo valor é garantia de bom êxito na próxima competição. O Vasco da Gama, também antigo campeão nacional, deu seguras provas da sua categoria, e não faltam críticos a considerá-lo o melhor grupo do país. O F. C. do Porto, por seu turno, nem sempre se confunde na frente do seu campeão...

Por isso mesmo, e logicamente, esperam os portuenses que o Vasco e o F. C. P., categorizados como demonstram ser, não deixem os seus créditos por mãos alheias. E muita atenção ao torneio — que principia no sábado.

## UM ATLETA portuense



**Federico Barrigana**, digam o que disserem, é um bom guarda-redes português. Quando se pensou em formar o grupo militar para enfrentar o excelente conjunto do R. A. F., julgavam alguns desportistas portuenses que seria naturalmente chamado a prestar provas o guarda-redes do F. C. do Porto, tanto mais que se tratava de um homem ainda há pouco retrado das suas obrigações militares. É novo: 23 anos.

Quando do desastre sucedido a Capelo, ainda se falou no seu nome. Alguns jornais apontaram-no, e, vamos lá, não seria injusto levar por diante a ideia de incluir Barrigana, pelo menos no grupo dos suplentes.

Tal não sucedeu, e os técnicos lá sabem porquê. Que o jogador do F. C. do Porto é, sem dúvida, um seguro pilar da sua equipa, — todos o sabem, pelo menos no Porto. Castigado com certa violência durante quatro jogos, sentiu o grupo onde alinha a influência da sua falta, visto que, em vários desejos, não pôde o seu substituto corresponder inteiramente.

Barrigana saiu da 2.ª categoria do Sporting para o F. C. do Porto — por oferta do clube leonino. Estava «tapado», evidentemente, pela classe de Azevedo e de Soares, também um autêntico homem de 1.ª categoria. No Porto — a princípio pouco experiente, veio Barrigana a impor-se. Acreditamos: — o rapaz de Montijo é, sem dúvida, um elemento de boa categoria, e por isso pode aceitar-se a ideia generalizada entre os portuenses. Não há muito melhor nos agrupamentos portugueses.

Não se afirma que tenham sido injustos com ele ou com o futebol portuense. Pouco interesse considerá-lo superior a Eduardo Santos ou a Valongo. O que importa é dizer uma verdade: — Barrigana é, sem dúvida, um dos melhores guarda-redes nacionais, na presente ocasião.

## A 7.ª JORNADA DO CAMPEONATO DE JUNIORES

O campeonato de juniores da A. F. L. teve no domingo a sua sétima jornada. Pela segunda vez se verificou a falta de comparência de uma das equipas concorrentes.

Mas, nos restantes encontros, houve o costumado interesse e animação de público e jogadores, podendo dizer-se que este campeonato fica para a história da prova como dos melhores de todos os tempos.

Nos sete desafios disputados não se verificaram resultados que contrariassem expectativas. A própria vitória da equipa da C. U. F. sobre o team «A» do Sporting não deve causar estranheza, dada a melhoria que os «calistas» revelaram na «saída» anterior.

Nas quatro séries por que os vinte grupos concorrentes foram distribuídos, os «comandantes» da classificação mantiveram a sua invejável posição, tendo até o Cascalheira e o Estoril consolidado essa vantagem.

Na 1.ª série, a vitória do Cas-

calheira, 2-0, apresentou-se pouco expressiva, ainda que se possa pensar em melhoria dos benfiquistas. Mas também pode pensar-se em quebra de rendimento da equipa do Cascalheira. A sensação de superioridade que os campolistas deram na primeira volta do campeonato está a ser menos notória.

O encontro Sporting A-Caf fornecia luta animada. A maior eficiência dos dianteiros «calistas», em relação aos «leoninos», justifica a vitória da equipa do Lamiar A. Só isso pode justificar o resultado, pois, de um modo geral, a luta decorreu com equilíbrio.

Na 2.ª série foi onde se registou maior desnível. A equipa A do Benfica e o grupo B do Sporting defrontaram os «teams» que se têm mostrado menos apetrechados para a luta. Não admira, portanto, que «encarnados» e «leões» tivessem chegado à meia-dia de «goais» e que só aqueles tivessem sofrido um, apenas. Anotando os resultados, julgamo-nos dispensados de mais comentários.

As duas equipas favoritas da 3.ª série, Benfica (B) e Belenenses (A), se não deixaram os seus créditos por mãos alheias, não puderam, contudo, firmar tão claramente, como se previa, a sua superioridade, ainda que tivessem jogado de modo que justificava triunfo mais amplo. Os benfiquistas têm uma atenuante: por momentos jogaram com dez homens. E os marvilenses tiveram um guarda-redes que se cotoa como dos melhores elementos da equipa.

Na 4.ª série só se efectuou um jogo, sendo adversários o Estoril e o Cascais — respectivamente «leaders» e sub-«leaders». A luta tinha interesse decisivo para o primeiro lugar da classificação. Os estorilistas venceram de modo convincente, excedendo, até, as previsões. Mas os cascaenses não desmereceram do conceito em que são tidos, pois deram réplica valorosa.

D. D.

## A última sessão no Coliseu dos Recreios

(Continua na página 5)

quase impossível em casos como este proceder a uma inspecção demorada e calma do lesionado. Só depois, no vestiário, se concluiu por reconhecer que o golpe devia ter sido aplicado abaixo da linha de cintura.

Mateus prosseguiu o combate com ardor, mas em inferioridade, terminando por abandonar ao 10.º assalto.

O desfecho não nos satisfaz. França, sempre corajoso e tenaz, portou-se bem. O golpe, apesar de irregular, foi fortuito, e se o adversário usasse uma conveniente protecção abdominal, não sofreria os efeitos que afinal veio a sentir.

O trabalho do árbitro, Pierre Charles, muito aceitável.

## SALVADOR

fala dos mestres ingleses

(Continuação da página 4)

assim, num só desafio, episódicamente, em que tínhamos chamado a nós toda a atenção, no jogo a fazer e no resultado a conseguir.

— Que mais o impressionou nesse jogo?

— Tanto quanto me foi possível — sentia bem a responsabilidade daquela camisola «grenata» — observei o jogo dos ingleses.

Um pormenor interessava-me: o sistema de marcação, em que são mestres.

— E que opinião lhe deixaram?

— Verifiquei uma grande dife-

rença. Os ingleses demonstraram-me uma tática e um saber extraordinários em fazer ao sistema de marcação.

— Vejo que aproveitou alguma coisa no jogo do Estádio Nacional...

— Salvador responde-nos com um sorriso enigmático, que acompanhou o nosso cumprimento de despedida. Eram horas do embarque para Olhão, onde firmemente o prende o seu entusiasmo pelo Olhanense e a Pastelaria Dandbio, de que é sócio juntamente com o seu companheiro Cabrita e o treinador do clube, José Mendes.

Fernando Sá

## Estão combinados os encontros Porto-Lisboa

AS Associações do Porto e de Lisboa chegaram já a acordo para reatar na presente temporada a série dos encontros entre as respectivas seleções, fixando até as datas que lhes serão reservadas: 28 de Abril, em Lisboa, e 5 de Maio, no Porto.

Como era de prever, o organismo regional lisbonense reconduzia no cargo de seleccionador o sr. Acácio Rosa, que imediatamente entrou em funções, marcando para o próximo dia 14 o primeiro treino de preparação.

A notícia da celebração dos tradicionais jogos entre os grupos representativos é daquelas que a todos deve agradar sem reservas, alheando do espírito bizantinismos que só podem justificar-se pelo desejo de levantar objecções onde nenhuma objecção razoável pode intervir; seja qual for a classe das equipas escolhidas, elas representarão o maior valor do andebol nas duas regiões onde ele é praticado em Portugal e, no conjunto ao no confronto, oferecem-nos a única indicação segura — uma vez que se nos fechou a possibilidade de contacto internacional — sobre o progresso e a categoria nacional da modalidade.

Se nas duas cidades, como dizem os descontentes, presentemente há baixa de nível na classe de jogo, rezojizemo-nos com os encontros inter-regionais porque representam excelente incentivo e o melhor factor de trabalho; se assim não for, se houver pessimismo exagerado na severidade de julgamento, congratulemo-nos também pela celebração dos dois jogos, que oferecerão

ao público alicionado a merecida recompensa do seu entusiasmo e apoio à modalidade.

O campeonato de Lisboa prossegue no domingo com a primeira jornada da segunda volta e os resultados podem considerar-se normais: «Caf», Benfica, Belenenses e Internacional venceram, respectivamente, «Os Treze», Almada, Marvilense e União Pledade.

O Desportivo «Caf» prossegue na sua marcha triunfal e desembaraçou-se facilmente de um dos adversários que ainda o ameaçavam de mais perto; o jogo decorreu com durezza por parte de alguns elementos de ambos os grupos, os mesmos de sempre, mas o árbitro não entendeu dever intervir. Os senhores dirigentes das partidas estão usando de benevolência que não podemos aprovar; estão assumindo responsabilidades que am dia, talvez, lhes venham a pesar demasiado sobre os ombros.

O encontro do Belenenses em Marvila decorreu em ambiente reprovável e três jogadores foram mandados sair do terreno; mais uma vez se verificam incidentes naquele mesmo campo, que todos os grupos visitantes miram com justificado receio. Não formamos juízo pessoal, mas julgamos com bastos argumentos que a lição dos factos nos fornece.

Devemos lamentar, no seu próprio interesse, o errado caminho por onde enveredaram os marvilenses, ingloriamente perdendo todos os benefícios de um trabalho persistente, com o qual haviam adquirido o direito ao respeito e apreço da crítica.

JOSÉ DE ECA

## O Ateneu Comercial

O Ateneu Comercial de Lisboa, instituição que cumpre grandemente com as suas funções educativas, realiza hoje o seu habitual sarau gínástico, no Coliseu de Recreios. O mesmo é dizer que se encherá por completo o grande sala de espectáculos.

O programa, excelente, foi assim elaborado:

### 1.ª PARTE

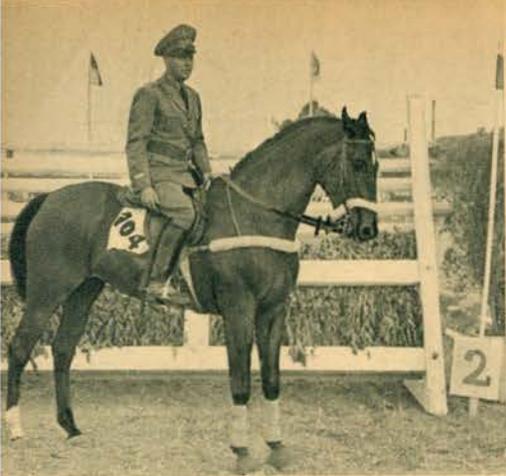
- I — Desfile dos atletas.
- II — Assalto de florete, por alunos do capitão Mário de Figueiredo.
- III — Classe de ginástica educativa masculina, dirigida pelo professor dr. Moura e Sá.
- IV — Tripo-trapézio, pelos alunos do professor Alvaro de Jesus, srs. Fernando Cruz, Cardoso Silva e Gonçalo Perreira.
- V — Classe de ginástica educativa de meninas, orientada pela professora Friedel Waschmann.
- VI — Pesos; tentativas de recordes nacionais, pelo sr. José Luís, discípulo do professor António Perreira.

### 2.ª PARTE

- VII — Luta greco-romana, por José Santos e António Coelho Xavier, para disputa de uma taça; demonstração de golpes de luta por vários alunos da classe.
- XIII — Classe de ginástica educativa de senhoras, sob a direcção da professora Friedel Waschmann.
- IX — Assalto de jogo de pau, entre o mestre Domingos Miguel e um aluno.
- X — Percha aérea, por José Luís, A. Pedro Silva e Anselmo Barreto.
- XI — Classe de saltos de plinto (senhoras), sob a direcção da professora Friedel Waschmann.

### 3.ª PARTE

- XII — Belledos, por 12 alunos do professor Artur Rodrigues.
- XIII — Escada aérea, por Manuel Neto e Nicolau Perreira.
- XIV — Exercícios de patinagem, por José Soares, Alberto Brás e E. Nascimento.
- XV — Classe de saltos de mesa alemã, sob a direcção do monitor Emídio Piáçido.



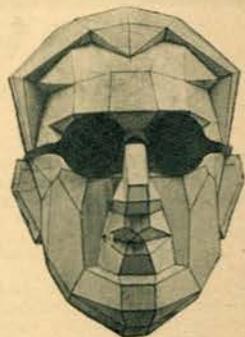
### Morreu a «FOSSETTE»!

A «Fossette», animal de extraordinária classe que tanto contribuiu nos últimos anos para os melhores êxitos do hipismo português, quer no país quer no estrangeiro, morreu há dias na Fonte Boa. Ao seu «palmarés» brilhantíssimo nos referiremos brevemente.

# Durante a semana



- 1 — Uma fase de jogo renhido, entre a equipa B do Benfica e o Marvilense (juniores)
- 2 — A equipa A de juniores do Sporting
- 3 — Os juniores B do Benfica
- 4 — Um aspecto do acto de posse da nova direcção do Belenenses.
- 5 — Os juniores do Sporting A e do G. D. da «Cuf» lutaram briosamente. Eis uma demonstração, nesta fase junto das balizas cufistas



**GIL  
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865  
Depositária das lentes "ZEISS"  
Binóculos, Termómetros  
Bússolas de marcha, etc.  
Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140  
Tel. 222 222 LISBOA





**Stadium**

# *A Iluminante*

A maior organização do Império

em MATERIAL ELÉCTRICO

e

B I C I C L E T A S

LISBOA

Av. Almirante Reis, 6  
Largo do Intendente, 11 a 17

*Esc. 2400*

PORTO

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B e 209

